

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

UM LUGAR PERIGOSO



Copyright © 2014 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico

Alceu Chiesorin Nunes

Bruno Romão

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagen de capa

Mohamad Itani/ Trevillion Images

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Adriana Bairrada

Jane Pessoa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia-Roza, Luiz Alfredo

Um lugar perigoso / Luiz Alfredo Garcia-Roza. —

1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2489-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura brasileira)
I. Título.

14-08375

CDD-869.930872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial :
Literatura brasileira

869.930872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompagnia.com.br

1.

Nos últimos dez anos, o professor Vicente Fernandes acumulara uma dúzia de cadernetas contendo anotações breves sobre livros e autores. Não eram resenhas nem comentários críticos, mas considerações que dizia serem “impressionistas” e cujo leitor-alvo era ele próprio. As anotações tiveram início quando sua memória começou a falhar ao tentar se lembrar do nome do autor ou do título de um livro lido havia pouco e quando no balcão da livraria não se lembrava se já lera o livro que estava exposto. Como era um leitor assíduo — além de tradutor —, temia que de suas leituras restassem apenas fragmentos de lembrança inutilizáveis. Com esferográfica preta e letra miúda passou a anotar em ambos os lados de cada folha quadriculada de uma caderneta aquilo que julgava importante dessas leituras, que em muitos casos eram releituras. Era de opinião que a perda da memória era progressiva e irreversível, que a princípio fazia desaparecer as palavras para depois apagar ou embaralhar as imagens, embora fosse de opinião que o processo não apagaria o pensamento.

Aconteceu, porém, de no curso de uma arrumação de gavetas, quando ele retirava as cadernetas e se punha a folheá-las à procura de traça ou mofo, numa delas ter a atenção chamada por uma página quase toda em branco com apenas alguns no-

mes no centro. Voltou atrás e viu que era de fato uma lista de nomes no centro da página; nomes de mulheres, dez ao todo, cada um numa linha, sendo que um deles, Fabiana, estava circunscrito, também à caneta. Abriu a primeira página do pequeno caderno e verificou a data: 2001. Dez anos. Não se lembrava de ter feito aquela lista, mas a letra miúda e regular era sua. Repassou a série de nomes, concentrando-se em “Fabiana”. Não se lembrava de nenhuma Fabiana. Pelo menos, ninguém de suas relações. O mesmo acontecia com os demais nomes. Não sabia quem eram aquelas mulheres nem a razão pela qual seus nomes ocupavam lugar de tanto destaque num caderno cujo espaço era aproveitado ao máximo. Não sabia sequer se eram nomes de mulheres reais ou se eram apenas nomes sem referentes de carne e osso. O nome Fabiana continha, além da linha que o circunscrevia, uma força, embora ele não soubesse dizer se de atração ou de repulsão, se para o bem ou para o mal. Procurou nas agendas mais recentes outra referência ao nome ou a algum outro da lista, mas não encontrou nenhuma. Copiou os nomes num pedaço de papel e guardou-o na carteira.

Vivia sozinho havia mais de dez anos. A decisão fora tomada logo após sua aposentadoria do serviço público federal, aos quarenta anos de idade, por invalidez. Os proventos de aposentado eram suficientes para pagar a prestação do apartamento de sala e quarto em Copacabana e para as despesas pessoais. As demais despesas eram atendidas com seu trabalho de tradutor do inglês e do francês para duas grandes editoras, uma do Rio e outra de São Paulo. Levava uma vida tranquila, de hábitos metódicos. Até aparecer aquela lista.

O nome destacado — assim como os outros nove — era apenas um nome e ele sabia que não podia lhe fazer mal, estava naquele caderno havia dez anos e podia continuar lá por mais dez sem que nada de mau acontecesse. O fato de ter decidido arrumar as gavetas, coisa que fazia uma vez por ano sempre no

mês de junho, e de ter se deparado com uma lista de nomes escritos por ele mesmo não tinha o poder de alterar a ordem do mundo exterior. Uma gaveta não era uma caverna mítica da qual pudesse sair um monstro ameaçador... a não ser para uma imaginação doentia... pensou ele. Para um homem normal, um nome de mulher deveria liberar lembranças agradáveis. O que o perturbava, porém, era o fato de não haver nenhuma lembrança ligada àquele nome nem a nenhum outro da lista, como também o de ter sido ele a escrever o nome e traçar um círculo ao redor dele.

Era sábado. As arrumações eram feitas sempre aos sábados. Como não tinha nenhum compromisso com horários e seu único trabalho eram as traduções, que podiam ser feitas a qualquer hora do dia ou da noite e em qualquer dia da semana, a arrumação das gavetas, assim como a dos livros, das roupas ou de algum outro item da lista de objetos a serem verificados todos os anos, poderia ser feita em qualquer outro dia. Mas havia mais de uma década que acontecia sempre no primeiro sábado de junho. E ele não pretendia alterar esse calendário.

Continuou a arrumação das gavetas e de algumas caixas guardadas nas prateleiras mais baixas da estante. O objetivo primário da arrumação cedera lugar a outro mais importante, que era encontrar algum indício capaz de conduzir à descoberta do significado daquela lista. A busca prosseguiu pela manhã e entrou pela tarde até quase o anoitecer, quando o cansaço e a fome o obrigaram a parar para tomar banho e sair para comer alguma coisa.

Morava na rua Barata Ribeiro, no coração de Copacabana. No raio de duas quadras, dispunha de um comércio intenso e variado o bastante para não precisar ir mais longe a fim de prover suas necessidades, e àquela hora os restaurantes estavam vazios. Bastou atravessar a rua para comer frango assado com batata frita acompanhado de cerveja num minirrestaurante

defronte ao prédio onde morava. O que sobrou, mandou embrulhar para viagem. Enquanto jantava, não deixara de pensar um só instante na lista, em especial no nome Fabiana. De volta ao apartamento, procurou no armário do quarto uma agenda ou caderneta de endereços antiga que contivesse alguma referência àqueles nomes, mas tinha a impressão de que, quanto maior era o esforço de chegar a algum fragmento de memória que servisse de sinal para o caminho a tomar, mais se aprofundava o esquecimento.

Lera, havia tempo, que a memória tinha tanto a função de lembrar como a de esquecer, sendo que esta última é que tornava viável a primeira. O que ele não sabia era se naquele caso o esquecimento consistia apenas na ocultação do acontecimento ou na destruição completa do material mnêmico referente a ele. Na primeira hipótese, haveria alguma esperança de encontrar o material oculto, bastava dispor de indícios que conduzissem à recuperação dos caminhos mnêmicos perdidos; na segunda hipótese, o acontecimento destruído pela memória estaria perdido para sempre. Mas ele havia lido também que na memória nada se perde, que o passado se conserva integralmente, e que o esquecimento é uma defesa contra a emergência desse passado armazenado cada vez que precisamos recorrer a ele. Isso queria dizer que a função maior e mais importante da memória não é lembrar, mas esquecer. Esquecemos para não nos afogarmos num interminável tsunami de lembranças. No caso do nome Fabiana, ele tinha apagado a lembrança, mas não tinha apagado a lista da caderneta. Essa lista ficara como signo externo de algo que fora esquecido ou como fragmento de algo que se perdera.

Não devia ter tomado cerveja durante o jantar, dava moleza e sono, e era muito cedo para dormir, acordaria no meio da madrugada sem sono e sem disposição para ler ou trabalhar. Recostou-se no sofá, de frente para a janela, e ficou olhando

para o nada. O apartamento, no último andar de um prédio de dez pavimentos, era voltado para o mar, o que lhe propiciava uma ampla vista para o céu, mas nenhuma para o mar devido aos prédios do outro lado da rua e das demais ruas até o paredão formado pelos edifícios da avenida Atlântica. De qualquer modo, o céu diante dele se estendia ao infinito por cima dos prédios fronteiros, ampliando o pequeno espaço interno de que dispunha. Essa abertura para o exterior era, porém, apenas visual, já que ele mandara instalar janelas duplas com vidros grossos tanto na sala como no quarto, para eliminar o barulho proveniente do tráfego da Barata Ribeiro. O pequeno ruído residual era abafado pelo ar-condicionado ou trocado pela vibração deste. Vivia numa caixa fechada, confortável e silenciosa. Deixou a consciência fluir livremente, chegou a cochilar algumas vezes, mas despertava em seguida. Permaneceu deitado, durante um tempo não definido, nesse estado fronteiriço entre a vigília e o sono, até sentar-se de maneira abrupta e de todo acordado. Não fora despertado por nada externo, mas por algo proveniente da sua própria interioridade, imagens do corpo nu de uma mulher: uma perna longilínea, uma curva de quadril, a forma particular de um umbigo, mas nenhum rosto, nenhuma imagem do corpo inteiro; não era sequer capaz de dizer se eram imagens parciais de um mesmo corpo ou de corpos diversos, mas tinha certeza de que eram imagens de um corpo nu. Também não sabia dizer se aquelas imagens tinham alguma relação com os nomes escritos na caderneta.

Levantou-se, pegou na gaveta da mesa de trabalho um bloco de notas, e registrou tudo o que lhe ocorreu sobre o nome Fabiana e sua possível relação com as imagens de detalhes do corpo feminino. Deixou o bloco ao alcance da mão, sobre o sofá; tinha outro junto ao computador e ainda outro no quarto, sobre a mesa de cabeceira. Um complicador nessa sua busca de lembranças era o fato de não ter amigos aos quais recorrer para ajudá-lo quanto aos nomes ou de forma direta quanto às mulheres.

Anoitecera e o recorte dos prédios contra o céu fora substituído pelas luzes dos apartamentos. Era raro ele olhar a rua e o movimento de carros e pedestres. Mantinha fechada o tempo todo a janela dupla, para se proteger do barulho e da poeira. Como tinha uma quantidade considerável de livros, cadernos, pastas e caixas disputando lugar na estante, precisava evitar o depósito de impurezas proveniente da rua. Apesar de a estante ocupar toda a extensão da parede, ela só ia até dois metros de altura para facilitar-lhe o acesso. Vivia sozinho. Não queria se arriscar a subir em escadas e levar um tombo sem ter ninguém para socorrê-lo. Não é pequeno o risco que corre um morador solitário — sobretudo se não é mais jovem — de escorregar no banheiro, de cair de uma escada ao pegar um livro numa prateleira mais alta ou ao trocar uma lâmpada. Ele dispunha de alguns mecanismos e estratégias para pedir socorro, salvo, é claro, nos casos de perda de consciência. Para evitar possíveis acidentes, mandara construir uma estante na qual teria acesso a qualquer das prateleiras sem precisar fazer uso sequer de bancos (tão perigosos quanto as escadas).

Procurava não se concentrar no problema que ocupara seu pensamento o dia todo. No entanto, quanto mais insistia, mais crescia a resistência a uma revelação, mínima que fosse. O jeito era distrair as defesas, aproximar-se pelos cantos e lograr entrada por uma fresta da consciência. Tornou a deitar-se no sofá e procurou relaxar. De olhos fechados, experimentou fazer da escuridão interna uma espécie de sala de projeção de imagens, das quais já tivera uma pequena amostra depois de descobrir a lista na caderneta. Surgiram lembranças as mais variadas, mas nenhuma que remetesse a algum dos nomes. Dormiu no sofá. Passava da meia-noite quando acordou com a viva sensação de ter sido despertado de um longo sonho do qual não tinha nenhuma lembrança. Decidiu adotar a tática contrária, insistir nos fragmentos de lembranças surgidos: a perna longa, o abdome bem torneado, a forma do umbigo, os pelos pubianos abundantes... os pelos pubianos... aí estava uma imagem nova, não

aparecera quando da primeira lembrança... houve portanto um acréscimo. Bom sinal. Eram, sem dúvida, imagens parciais do mesmo corpo... Os braços eram também longos, assim como as mãos e os pés... Os seios eram firmes, nem grandes nem pequenos... Era uma mulher alta, de cabelos pretos e encaracolados. As partes combinavam umas com as outras. O detalhe perturbador era a ausência completa do rosto. Havia a cabeça, mas não havia olhos, boca, nariz, orelhas... Era uma mulher sem rosto. Ele esperava que com insistência continuada iria aos poucos completando o corpo. A dúvida era se esse complemento seria de fato produto da lembrança ou se a imaginação é que preencheria as lacunas da memória. Mulher lembrada ou mulher imaginada? Eram quase duas da madrugada, já tinha passado da sala ao quarto e, deitado na cama, continuava buscando o rosto da mulher cujo corpo ocupava todo o espaço da sua consciência, semelhante a um grande painel, um outdoor interiorizado. Acordou várias vezes durante a noite procurando nos sonhos aquilo que não conseguira encontrar na vigília.

No dia seguinte, acordou mais tarde que de costume. Ainda sob efeito da excitação da véspera, tomou café enquanto passava os olhos no jornal de domingo sem conseguir reter nenhuma notícia nem ler nenhuma matéria até o fim. Qualquer atividade intelectual ou física era atravessada pela busca de uma mulher correspondente ao nome Fabiana. Pegou o bloco que deixara à mão e fez uma lista das várias áreas daquilo que considerava seu espaço de vida: “profissional”, “amizades”, “parentes”, “vizinhos”... Cada área ficava dentro de um quadrado do qual saíam outros quadrados menores correspondentes às subáreas, todas elas abrangendo a década de 1990. Em seguida ligou os quadrados maiores entre eles e nomeou as linhas de relação. Terminado o esquema gráfico, concentrou todo o esforço na primeira área e suas subdivisões. Procedeu como um arqueólogo, mapeando o terreno e procurando traços de um passado perdido. Cada pequeno indício ele anotava no bloco, e buscava associações como se estivesse numa impossível sessão psica-

nalítica em que fosse ao mesmo tempo psicanalista, paciente e arqueólogo. Acontecia de às vezes se lembrar de mulheres cujo nome não recordava, vagas imagens femininas eram evocadas sem que tivesse a menor ideia da área a que pertenciam. O mais importante, porém, era que, mesmo nas poucas vezes em que ocorreu a lembrança de alguma mulher que ele de fato conhecia um dia, essa coincidência era destituída de significado afetivo. Considerou a tentativa fatigante e inútil.

À tarde, resolveu trocar a arqueologia pseudopsicanalítica pela informática e procurou nas centenas de arquivos armazenados nos seus computadores (tinha dois, um desktop e um notebook) o nome Fabiana ou algum outro da lista. Não encontrou nenhuma referência em nenhum dos trezentos e tantos arquivos buscados. Mas o domingo ainda não terminara, ele podia fazer uso do que restava da tarde e da noite para retomar as buscas no campo da memória, buscas que não considerava isentas de perigo. A imagem que fazia da sua interioridade, assim como da interioridade de qualquer pessoa, era a de uma gigantesca caverna cujo teto e fundo se perdiam numa extensão que luz nenhuma alcançava. Aquele que se aventurasse nesse mundo começaria se deslocando sobre uma superfície suave, clara e com caminhos bem demarcados, até chegar a uma região cuja irregularidade e iluminação precária o desorientariam para no final atingir a região limítrofe além da qual havia apenas escuridão e um vazio desconhecido. Dessas regiões mais remotas, os sonhos em geral forneciam apenas uma imagem leve e distorcida, enquanto a loucura era manifestação externa do horror interno. O que ameaçava o caminhante nessas incursões era não ser capaz de perceber o limite obscuro onde a razão transborda, perder sua identidade e não conseguir mais encontrar o caminho de casa. A memória é um lugar perigoso.

Não saiu para comer. Preparou um sanduíche de queijo, aqueceu o que sobrara do frango assado e da batata frita da véspera, e abriu uma cerveja. Terminado o lanche, lavou a louça, ensacou o lixo e jogou na lixeira, e voltou para o sofá. Tinha

um aparelho de televisão no quarto que quase nunca ligava e, quando acontecia, era apenas para assistir ao telejornal. Tinha também um aparelho de DVD que viera junto com a TV mas que nunca fora utilizado. O único aparelho de som que possuía era um rádio antigo, de boa qualidade, mas que também não ligava. Quando estava trabalhando, não gostava de fundo musical. Perturbava sua concentração em lugar de ajudar. Não gostava de música. Não gostava de nada que fizesse barulho e para ele música, com raras exceções, era barulho. Gostava de traduzir, mas o que gostava mesmo era de ler, livre do compromisso de traduzir. As palavras impressas são silenciosas.

Pegou um livro sobre o qual a editora pedira sua opinião e dedicou o resto do domingo a ele. Acordou deitado no sofá com o livro aberto sobre o peito, assustado e sem saber quanto tempo tinha dormido. O relógio de pulso marcava duas e quinze. O corpo estava doído e a boca seca. Sonhara com a fotografia de um corpo nu de mulher num grande outdoor de rua, sendo que os membros estavam separados como os de um manequim de vitrine que fosse colocado naquela posição, com os braços, pernas e cabeça separados do tronco, a face era apenas uma mancha indiferenciada. Não sonhara com uma mulher nua, sonhara com a fotografia de uma mulher nua, e essa mulher estava desmembrada, morta.

A imagem da mulher desmembrada permaneceu presente mesmo horas depois de ele ter acordado na segunda-feira.

Procurou entre as cadernetas de endereços que retirara na véspera das caixas de guardados aquela que fosse mais antiga e que devia conter a maior quantidade de endereços e telefones. Percorreu a caderneta de A a Z, procurando colegas de universidade do tempo em que era professor de literatura. Não se lembrava de quase nada, mesmo assim separou uma dúzia de nomes e escolheu Maria Paula, professora de literatura comparada (estava escrito entre parênteses). Tinha dela uma vaga lem-

brança: alta, físico de ginasta, conversava com ela às vezes e chegaram a ensaiar um namoro que não fora adiante. Desde que fora afastado da universidade até a data em que anotara a lista de nomes na caderneta, haviam se passado cinco anos. Mesmo que aqueles nomes fossem de pessoas ligadas ao meio universitário, professoras, alunas ou funcionárias, era pouco provável que Paula se lembrasse delas, mas ele tinha alguma esperança de que ela fornecesse uma pista de Fabiana. Fazia quinze anos que não via Paula, nem sabia se ela continuava na universidade e no mesmo departamento... tampouco tinha certeza de que se lembraria dele.

Havia dois números anotados: um em “Paula” e outro em “Maria Paula”.

Ligou para o primeiro. Atendeu a secretária eletrônica com a mensagem-padrão que vem com o aparelho, a qual não diz o número nem o nome do assinante. Preferiu não deixar recado.

Ligou para o segundo número. Atendeu uma voz idosa. Aquela não era a casa de Paula, e não conhecia nenhuma Paula nem professora Paula. Voltou a ligar para o primeiro. Não havia nenhuma Paula ou Maria Paula. Ligou para a universidade. Ainda tinha o número da secretaria. Quase ao décimo toque atendeu uma voz arfante. Ele perguntou pela professora Paula. A pessoa respondeu que era faxineira e que ele teria que falar com alguém da secretaria. Ele perguntou se aquele não era o telefone da secretaria. A faxineira respondeu que era, mas que o expediente terminava às cinco e já eram cinco e meia.

O dia passara sem que ele tivesse se dado conta. Não trabalhara, não traduzira nem uma lauda, sentara ao computador apenas para buscar possíveis pistas que o conduzissem a algum daqueles nomes. Na manhã seguinte telefonaria mais uma vez para a secretaria da Faculdade de Letras.

Anotou o conteúdo dos telefonemas e retomou a tradução que estava fazendo dos contos de Poe, interrompida desde a sexta-feira. Trabalhou até as duas da madrugada, parando apenas para um sanduíche por volta das dez da noite. O tempo em

que esteve envolvido na tarefa de tradução propiciou uma suspensão temporária das imagens do corpo desmembrado, mas essa suspensão durou apenas enquanto ele estava trabalhando. Assim que o cansaço o fez parar e olhar as horas, as imagens retornaram.

Quarta-feira, meio-dia, a professora Paula acabara de atender sua última orientanda daquela manhã quando recebeu o recado da secretaria de que o professor Vicente estava no telefone.

— Qual professor Vicente? — perguntou ela à secretária.

— Ele disse que já foi professor do departamento. Eu ainda não trabalhava aqui.

— Alô, é Paula falando.

— Paula, é Vicente Fernandes quem fala.

Houve alguns poucos segundos de silêncio que levaram Vicente a temer não ser reconhecido quando...

— Vicente. Que bom ouvir sua voz.

Depois das trocas iniciais sobre o que cada um estava fazendo e de Vicente dizer que precisava falar com ela, combinaram um encontro. Melhor seria um almoço, disse Paula, teriam mais tempo para conversar. A Faculdade de Letras fica na cidade universitária, no campus da ilha do Fundão, perto da ilha do Governador, longe de Copacabana, e Vicente não tinha carro. Mas Paula dava um seminário, às quintas-feiras, na Escola de Comunicação, no campus da praia Vermelha, a poucos minutos de onde ele morava. Marcaram um encontro para dali a dois dias no teatro de arena, dentro do campus e junto ao prédio da escola.

Vicente dissera apenas que precisava falar sobre um assunto importante para ele, referente ao tempo em que era professor da universidade. Acrescentou que não era nada que pudesse afetá-la e que dizia respeito apenas a ele. Não podia assustar Paula com histórias de assombração, que era do que se tratava, pensava Vicente.

Faltavam dois dias para o encontro e ele tentou preencher o tempo até o meio-dia da quinta-feira trabalhando sem interrupção na tradução dos contos de Poe. Não que as histórias de Poe tivessem, pelo seu conteúdo fantástico, o poder de afastar as imagens perturbadoras do corpo desmembrado, mas pelo menos diminuíam a frequência com que estas se apresentavam. Feliz com a receptividade de Paula ao seu chamado, estava curioso para rever a antiga colega, quase namorada. Ela seria agora uma mulher de quase cinquenta anos, provavelmente bem diferente da esbelta professora que ele conhecera. Registrhou no bloco que deixara junto ao telefone as linhas gerais do telefonema e a combinação do almoço.

Na quinta, às dez da manhã, Vicente já estava no ponto de ônibus da avenida Copacabana, e antes das dez e meia percorria a pé a alameda principal do campus da universidade. Tinha uma hora e meia até o horário marcado para o encontro. Depois de circular pelo campus, visitar a biblioteca, a livraria e tomar dois cafés, encaminhou-se para o pequeno teatro de arena situado num dos pátios internos do conjunto arquitetônico do início do século XIX e sentou-se no degrau de pedra, à espera. Paula surgiu de uma das galerias da Escola de Comunicação carregando uma pasta de couro que parecia pesada de livros e cadernos. Acenou para ele enquanto descia os degraus do anfiteatro, com a mesma leveza e elegância de quinze anos antes, pensou Vicente enquanto respondia ao aceno e se levantava para recebê-la.

- Você continua bonita e elegante.
- Obrigada. Bom te ver de novo.
- Você não deve ter muito tempo para o almoço — observou Vicente.
- Minha próxima aula é às duas. Temos duas horas para almoçar e conversar. Podemos ir a algum dos restaurantes daqui do campus ou do shopping vizinho.

Como Vicente se mostrou embaraçado com a escolha, Paula sugeriu o restaurante local, para não perderem tempo nas filas de espera dos restaurantes do shopping. O lugar escolhido por ela e onde ainda havia mesas disponíveis era uma espécie de lanchonete que também servia pratos feitos.

— Então, Vicente, o que aconteceu? — perguntou Paula, assim que sentaram.

— Ainda não sei. Antes de tentar explicar, quero que você me diga se esta lista de nomes significa alguma coisa para você — disse ele, e estendeu uma folha de bloco com a lista de nomes.

Paula pegou a folha e leu a lista várias vezes.

— A lista enquanto tal não me diz nada, embora os nomes, cada um por si, remetam quase todos, se não todos, a alunas de diferentes turmas e diferentes períodos, mas não compondo uma mesma lista.

— E o nome Fabiana, que está circunscrito, lembra alguém em especial?

— Uma ex-aluna, não me lembro se foi também sua aluna.

— Você é capaz de descrevê-la?

— Faz muito tempo... Talvez os traços gerais... Mesmo assim...

— Por favor, é importante.

— Era uma moça alta, esguia... Lembro que tinha os cabelos encaracolados... E acho que é tudo que consigo lembrar. Que houve com ela?

— Esse é o problema.

Vicente contou o que estava acontecendo com ele desde que encontrara a caderneta com a lista de nomes.

— Mas, Vicente, que tem isso de mais? É apenas uma lista.

— Eu sei que é uma lista. É uma lista que escrevi em 2001. Qualquer que tenha sido o seu significado, deixou de ter importância, a ponto de ser esquecida por completo até eu descobri-la na semana passada. A partir de então, meus dias e minhas noites têm sido um inferno. Tenho certeza de que não se trata apenas de uma lista.

— O que você acha que pode ter acontecido?

— As imagens que me têm vindo à memória, tanto em sonho como durante a vigília, coincidem com a descrição que você acabou de fazer dessa Fabiana, e é essa imagem que se impõe de forma repetida, sempre fragmentária, de um corpo desmembrado, imóvel. E eu não tenho lembrança alguma dessa pessoa nem de nenhuma das outras que estão na lista. Assim como não tenho a menor ideia de quem seja a Fabiana que você descreveu.

— E daí? Quantos alunos temos ou tínhamos por semestre? Você conseguia guardar o nome e a fisionomia de cada um deles? Isso, no caso desses nomes pertencerem de fato a ex-alunas.

— Minha preocupação maior no momento não é se são ex-alunas, ex-amigas ou ex-namoradas, o que me interessa saber é se essas pessoas são reais ou imaginárias.

Os pratos foram trazidos por uma garçonete.

Enquanto comiam, a conversa passou a girar em torno da vida que estavam levando.

— Como está você de trabalho? — perguntou Paula.

— Continuo fazendo tradução. A demanda das editoras é regular, sempre tenho trabalho, e faço o horário que me convém. Além disso, continuo a contar com minha aposentadoria.

— E a saúde?

— Nunca mais tive nada... pelo menos, nada comparável em intensidade e duração com as crises daquela época.

Durante o cafezinho, Paula voltou ao tema principal:

— Se você quiser, posso tentar localizar essa Fabiana pelos registros dela na universidade. Talvez através da família.

— Se conseguir localizar uma delas, talvez possa chegar às outras. Ou ao contrário, localizando as outras, talvez possa chegar a ela, Fabiana.

— Procure se tranquilizar. Não há motivo para ficar transtornado por causa de uma lista feita por você mesmo.

— Eu estou transtornado não apenas pela lista que fiz como pelo que eu possa ter feito.

— E o que você pode ter feito?

— Posso ter feito algum mal a alguma dessas mulheres.

— O que você acha que fez?

— Não sei.

— Alguma coisa você sabe, para estar tão assustado.

— Mas o que me assusta é exatamente não saber. E essas imagens são ameaçadoras.

— Você por acaso está fazendo a fantasia de ter matado uma dessas mulheres?

— Acho que sim...

— “Acho que sim” o quê? Que está fazendo a fantasia ou que matou?

— Mais ou menos isso...

— Vicente, se é esse o problema, basta encontrarmos a Fabiana para acabar com esse fantasma que está te assombrando.

Vicente ficou olhando para ela, querendo acreditar que a coisa era assim tão simples, mas tendo a certeza de que não era.

— Agora tenho que ir — disse Paula. — Pegou um guardanapo de papel, anotou um número e estendeu para ele. — Anote também o seu. Assim que eu tiver alguma notícia, ligo pra você.

Saiu apressada, pensou Vicente, não entendeu o que está acontecendo, não se trata de uma lista de nomes escritos numa caderneta velha sem importância. A lista com os nomes eu posso queimar e jogar as cinzas na privada.

Chamou a garçonete e pediu a conta. Preferiu voltar a pé para casa. Iria pensando no que Paula dissera sobre a possibilidade de localizar Fabiana. Essa tinha sido a parte boa da conversa; a parte desagradável foi a tentativa de desqualificar a importância da lista, e em particular a importância de Fabiana, como se ele fosse um delirante.

Logo que começou a andar, percebeu que a ideia de voltar a pé talvez não tivesse sido boa, seria obrigado a atravessar o túnel do Leme pela estreita passarela para pedestres, quase sempre ocupada por pedintes e pivetes. Tinha medo deles. Mas conseguiu ultrapassar a barreira de corpos e chegar ileso ao

outro lado do túnel. O mar à frente atestava que retornara ao seu bairro, embora poucas foram as vezes, depois de adulto, em que enfrentara as ondas da praia de Copacabana. Gostava de passear pelo calçadão no final da tarde, mas já não se sentia atraído pela combinação de sol, areia e água salgada. Enquanto caminhava, tentava se lembrar dos detalhes do encontro no teatro de arena e do almoço e articular as partes umas com as outras. Completou o trajeto até seu prédio, caminhando pela avenida Atlântica em vez de seguir pela Barata Ribeiro, que era a rua dele. Achava que a visão do mar ampliava não apenas a visão, mas também o pensamento. Entrou em casa com uma certeza: Paula era uma pessoa legal, havia atendido de pronto ao seu apelo, mas teria de falar com ela mais uma vez e convencê-la a mudar o modo de pensar sobre ele. Pegou o bloco que deixara junto ao computador e transcreveu o mais fielmente possível a conversa que tivera com ela, inclusive os comentários subjetivos que ele próprio fizera a respeito. Pensou em passar a limpo na caderneta do ano, mas optou por não misturar anotações sobre leituras com anotações sobre experiências pessoais diversas.

Eram quase três horas da tarde e ainda não havia traduzido nem uma lauda. Nos dois dias anteriores trabalhara bastante, mas não podia deixar que os recentes acontecimentos — ou seriam sentimentos? — perturbassem o ritmo normal de sua produção, que era de dez a doze laudas diárias. Sentou-se na cadeira giratória, ligou o computador e foi direto para o texto de Poe, conferindo no original o ponto em que parara na véspera. Digitou ininterruptamente até a hora do lanche noturno. Não tinha por hábito jantar, preferia um lanche com queijo e frios acompanhado de café com leite e, vez por outra, uma torta de maçã de sobremesa. Para isso não precisava sair de casa, tinha tudo o que precisava na geladeira. A sanduicheira elétrica se encarregava do resto. A conversa com Paula, o trabalho de tradução, o preparo do lanche, nada disso eliminara ou diminuíra a frequência das imagens mnêmicas, que permaneceram

com o mesmo padrão das últimas vezes, um corpo nu desmembrado e sem rosto.

Depois de ter lavado a louça, ensacado o lixo e jogado na lixeira, retomou o trabalho de tradução. Desde que descobrira a lista de nomes na caderneta preta, não pusera as mãos nela nem em nenhuma outra. A tradução era o que melhor funcionava como barreira protetora contra as imagens-fantasma. Trabalhou até não conseguir mais ler com clareza o texto de Poe, cuja tipologia não era muito confortável.

Não precisou chegar ao quarto de dormir para as imagens recrudescerem. Deixou que elas aflorassem livres, talvez viessem acompanhadas de outras novas; no entanto, a única coisa que se modificou foi o tempo de permanência de cada uma delas, como se tivessem pressa em se recolher. Mas não era esse o motivo (a pressa) que as fazia retornar, já que elas retornavam inúmeras vezes, mantendo porém a rapidez do fluxo. Um detalhe diferencial que se acrescentou às anteriores foi o aparecimento da imagem de Paula, como se esta e aquelas fizessem parte do mesmo contexto ou pertencessem ao mesmo passado.

Na manhã seguinte, sexta-feira, as imagens ainda estavam lá, como que à espera de que ele acordasse. Nem o banho nem o café da manhã eliminaram o mal-estar, que diminuiu de intensidade apenas quando ele retomou o trabalho de tradução. O quadro manteve-se o mesmo durante o fim de semana.

Na segunda-feira ao meio-dia, Paula ligou. Ele imediatamente pegou a caneta e o bloco.

— Vicente, notícias não muito boas. Não conseguimos encontrar Fabiana.

— Não conseguimos... Você e quem mais? Contou para alguém o que está acontecendo comigo?

— Claro que não. Estou falando no plural porque estava procurando nos arquivos da faculdade com a ajuda de uma funcionária. O endereço que está nos arquivos não é mais o dela há muitos anos, confirmamos por telefone. Ela não deixou o novo endereço nem o novo telefone.

— A secretaria da faculdade não tentou durante todos esses anos entrar em contato com ela?

— Eles não precisaram entrar em contato com ela.

— Agora não temos mais como saber...

— Sinto muito. Mas pelo menos você pode ficar tranquilo quanto a Fabiana. Ela não morreu, apenas mudou de endereço.

— Como sabe que ela não morreu?

— Ora, se ela tivesse morrido, alguém saberia. Haveria algum registro.

— Que registro?

— Sei lá... Um anúncio fúnebre no jornal... As colegas de faculdade teriam comentado...

— Não tem mais colega de faculdade, a turma dela deve ter se formado há mais de uma década.

— O que estou querendo dizer é que você não precisa mais se preocupar com ela.

— Eu nunca precisei me preocupar com ela... Eu nem sei quem ela é.

Passados três dias, Paula tornou a ligar. Também ao meio-dia.

— Vicente, como você está?

— A mesma coisa... se está perguntando pelas imagens...

— Elas continuam?

— Continuam.

— A funcionária da secretaria que me ajudou na busca dos nomes da sua lista me procurou para dizer que alguns deles constavam também das listas de turmas da época da Fabiana. Como você deu apenas os prenomes, não havia como confirmar se eram os mesmos.

— Ela tentou entrar em contato com alguma delas?

— Tentou, mas não conseguiu encontrar nenhuma. Não moravam mais no mesmo endereço e os novos moradores não sabiam informar para onde elas haviam se mudado.

Vicente ficou em silêncio durante um tempo demasiado longo.

— Vicente, você está me ouvindo?

— Estou... Desculpe, Paula, preciso desligar.

Tinha que anotar.

Paula desligara o telefone sem saber de forma clara qual a reação dele ao seu telefonema. Não parecera de tranquilidade e alívio. Aliás, tranquilidade era um estado de espírito raro de ser encontrado nele, pelo menos na época em que foram colegas. Nas reuniões de departamento ou num simples encontro ocasional de professores, ele se esforçava por apresentar calma e tranquilidade, mas era visível que cada músculo, cada nervo, do seu corpo se encontrava no estado máximo de tensão suportável. Como era um bom professor, os alunos o respeitavam e ele mantinha com a turma uma relação amistosa. Mas fora num desses momentos de aparente tranquilidade que ele tivera o primeiro ataque, em plena aula, o qual o deixara desacordado na frente de toda a turma; o segundo, de igual intensidade, acontecera poucos meses depois; no terceiro, o mais forte, ele caíra sobre uma aluna sentada na primeira fila. Não se lembrava do episódio, ele lhe fora contado pelos colegas e alunos. Não era um homem tranquilo.

A cabeça doía e ele tinha dificuldade de concatenar as ideias. Deitou-se no sofá, mas a dor aumentou, levantou-se e ficou andando pelo apartamento. Era como a cabeça doía menos. Tentou se lembrar do nome do comprimido que era eficaz em dores como aquela e do lugar onde estava guardado. Não lembrou, mas abriu todas as gavetas e armários onde a cartela com os comprimidos pudesse estar e acabou encontrando-a. A dor não passou de todo, mas diminuiu a ponto de permitir-lhe pensar sobre o comunicado de Paula. Por que ou para que aquele segundo telefonema? Se o objetivo era acalmá-lo, o efeito foi o oposto. “Você não precisa mais se preocupar com ela”... De onde ela retirou essa conclusão estúpida? Com que intuito? Assustá-lo ainda mais? Se nenhuma das outras alunas foi loca-

lizada, por que telefonar comunicando isso? Longe de esclarecer, tornou tudo muito mais estranho. Estava arrependido de ter recorrido a Paula e de ter revelado a história da caderneta. Podia ter apenas perguntado se ela se lembrava de alguma Fabiana, sem mencionar os sonhos e o aparecimento repetido de imagens que o assustavam. Paula por certo percebera o quanto ele se sentia ameaçado. O que não era bom. Sentiu ânsia de vômito e um pouco de tontura. Tomara apenas uma xícara de café às sete da manhã. Agora era quase uma hora e ainda não almoçara. Nem tinha vontade. Naquele momento, o que mais queria era que cessasse a náusea. Foi para o banheiro, sentou-se no chão ao lado do vaso sanitário e ficou à espera do vômito... que não vinha. Passado um tempo, levantou-se, apertou a torneira do lavatório que estava pingando e retornou à sala.

Pensando com frieza, concluiu que o mistério que estava vivendo não dizia respeito à realidade, mas às palavras. De modo mais preciso, a uma série de nomes escritos numa caderneta. Era onde estavam as palavras que a decifração do enigma devia ser buscada. O nome Fabiana não apontava nenhum habitante do mundo das coisas e sim o mundo das palavras. Mas, se fosse esse o caso, por que estaria a palavra “Fabiana” provocando com tanta insistência o surgimento de uma imagem, ainda que fragmentada, que ele sentia como íntima e ao mesmo tempo estranha e desconhecida? Era o que o intrigava.

Depois de comer um sanduíche e tomar uma xícara de café, pôs-se a separar antigas agendas e cadernetas de telefones, cadernos avulsos, pastas com anotações do tempo em que era professor. Concentraria a busca em “Fabiana”, para em seguida ampliá-la e incluir os outros nove nomes da lista. Começaria pelos registros mais antigos. Achava que o material mais promissor eram as agendas. Tinha agendas desde antes do tempo da faculdade. Não eram tão ricas como seriam se fossem diários, mas continham registros dos últimos vinte anos. Era onde esperava encontrar Fabiana.

* * *

Na semana seguinte, Vicente dividiu seu tempo entre o trabalho de tradução e a busca, nas agendas, cadernos, cadernetas e pastas, de algo que lançasse alguma luz sobre o mistério dos dez nomes.

Como a caderneta com a lista de nomes datava de 2001, considerou que podia estabelecer o ano 2000 como ponto de partida para a busca. Naquela data, já morava sozinho no apartamento da rua Barata Ribeiro. Não passava pela sua cabeça a ideia de morar com alguém. Sempre fazia valer o princípio de não prolongar seus encontros amorosos além da manhã seguinte. Doze horas fora o tempo máximo que uma mulher permanecera naquele apartamento. Era raro acordar com uma mulher na cama. Preferia o incômodo de chamar um táxi no meio da noite para levá-la em casa. Tomar café da manhã acompanhado de uma estranha era algo que estava fora de questão. Várias foram as mulheres cujo nome no dia seguinte não lembrava e tampouco se preocupava em anotar. O objetivo dessa nova busca não era mais encontrar algum daqueles nomes em meio ao amontoado de cadernos, mas encontrar algum sinal, mesmo que distorcido, capaz de conduzir a algum deles, de preferência ao nome Fabiana ou quem sabe à própria Fabiana. A vantagem das agendas era que elas já traziam anos, meses, dias e horas. A desvantagem era que as anotações eram burocráticas, puros lembretes de compromissos ao longo da semana; raramente aparecia um comentário ou uma indicação da importância do compromisso. Apesar de conter o registro dos últimos onze anos, as agendas não revelaram nada referente a Fabiana ou Fabi ou qualquer apelido semelhante.

As imagens haviam mudado suas formas de apresentação: não surgiam mais em série durante todo o dia, mas a intervalos maiores e em flashes intensos. Não sabia dizer qual forma era pior. Essa mais recente tinha o inconveniente do inesperado e do susto que lhe provocava abalos preocupantes. Por precau-

ção, tomara a iniciativa de aumentar a dose da medicação. Com ou sem medicação, o rosto da mulher continuava não revelado.

Das agendas passou para os cadernos de quando ainda dava aulas na universidade. Neles havia todo tipo de anotação, desde roteiros de aulas a endereços de restaurantes, telefones de alunos, referências bibliográficas, trechos de livros e resenhas publicadas nos suplementos literários. A busca tinha que ser feita com muito cuidado, de modo a tornar visível ou legível um dos nomes da lista. Foi mais cansativa do que a feita nas agendas, pelo próprio caráter anárquico das anotações. Encontrou alguns nomes iguais aos da lista, mas dentro de contextos que nada tinham a ver com ele ou com relações pessoais próximas a ele. De qualquer maneira, o nome Fabiana não aparecera nem uma vez sequer. As buscas eram intercaladas com o trabalho de tradução, que andava em ritmo mais lento: em nenhum dos dias da semana conseguiu cumprir a cota de doze páginas.

A última busca foi feita nas pastas com folhas soltas, sendo que o critério utilizado para estarem juntas na mesma pasta era o ano em que foram guardadas, e não o conteúdo. Eram dezenas de pastas contendo cada uma dezenas de folhas soltas. Tal como nas buscas anteriores, ali não foi encontrado nada que remetesse de forma direta ou indireta a algum dos nomes da lista. A semana se encerrou com a busca mais extensa e minuciosa que ele já fizera... e também a mais frustrante. Nas duas semanas seguintes, alternou estados de grande agitação motora com estados de euforia e confusão mental. A imagem da mulher desmembrada retornara com força. Imaginação e realidade se misturaram a ponto de ele ter de suspender o trabalho de tradução e se abster de qualquer tarefa caseira. A simples tarefa de preparar um café na cafeteira elétrica tornara-se impraticável. Deixou-se cair no sofá e já não foi capaz de saber se havia tomado banho ou se havia tomado os remédios. Tinha uma vaga ideia de ter saído à rua para comer, mas não se lembrava aonde fora nem como voltara para casa. Quando os jornais começaram a se acumular à sua porta e ele deixou de

responder às chamadas do interfone, o porteiro e o síndico decidiram forçar a maçaneta para entrar no apartamento. A porta estava destrancada e se abriu sem necessidade de força. Encontraram-no deitado no chão, como se tivesse rolado do sofá. Em menos de meia hora Vicente era atendido pelo serviço médico de urgência chamado pelo síndico. O médico confirmou a crise e verificou se a medicação que ele estava tomando obedecia à prescrição. O que não podia ser confirmado quando ele acordou era se procedera de acordo com a prescrição médica e o tempo que se encontrava naquele estado.